

Ofensiva para normalizar o mercado

ESTADO DE SÃO PAULO 28 SET 2001

O governo lançou uma ampla ofensiva contra a especulação cambial. A ação foi iniciada pelo Banco Central (BC), com medidas mais duras para conter a atuação dos bancos. Em seguida, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) entrou em cena, dando às empresas melhores alternativas para enfrentar as pressões cambiais. O dólar, que já havia começado a cair de manhã, entrou em queda mais acentuada nos negócios da tarde. A bolsa, que chegou a cair mais de 2%, começou a subir depois do almoço fechando em alta de mais de 4%.

O dólar fechou em R\$ 2,675, com queda de 2,30%. O jogo mais duro do Banco Central começou há uma semana, quando o dólar chegou a R\$ 2,835, o valor mais alto desde a mudança da moeda em 1994. Como primeiro lance, impôs-se aos bancos um recolhimento compulsório sobre depósitos a prazo. Isso deve resultar num enxugamento de R\$ 10 bilhões. A jogada seguinte veio na última quarta-feira, com duas novas medidas. Mais R\$ 4 bilhões devem sair do mercado. Para isso, mudou-se a maneira de calcular o compulsório sobre as contas a vista. Além disso, ficará mais ca-

ro, para os bancos, manter posições compradas em dólar. Para o mesmo volume de aplicações em moeda americana, as instituições terão de elevar seu patrimônio líquido ajustado, isto é, terão de aumentar sua base de capital.

Ao mesmo tempo, o BC continua a intervir no mercado, com a oferta de papéis cambiais de prazo mais curto. Com a piora da situação internacional, a estratégia anterior ficou superada. Até há pouco tempo, a autoridade monetária vinha utilizando apenas dois instrumentos: a elevação periódica de juros e a venda diária de US\$ 50 milhões.

O custo da elevação dos juros tem sido brutal não só para as empresas, mas também para o Tesouro. Além disso, vinha-se queimando, sem resultado, um volume considerável de reservas.

A intervenção da CVM foi anunciada nesta quinta-feira. As empresas de capital aberto foram autorizadas a diluir em até quatro anos o impacto da variação cambial nos resultados de 2001. Isso deverá melhorar suas demonstrações financeiras. A medida, segundo analistas, deve reduzir a corrida ao dólar, tornando menos necessário o hedge cambial.

Em nota divulgada à tarde, a CVM explicou sua decisão afirmando que os atentados terroristas nos Estados Unidos criaram uma situação excepcional nos mercados. Uma das consequências, no Brasil, foi uma grande variação cambial que poderá ser revertida em prazo mais longo.

A CVM anunciou, também, que as normas de recompra de ações pelas empresas não financeiras deverão tornar-se mais flexíveis. Medida semelhante foi tomada em 1999, no Brasil, depois da mudança cambial de janeiro, e adotada recentemente, nos Estados Unidos, pela agência reguladora do mercado americano, a *Securities and Exchange Commission* (SEC).

O alcance efetivo das novas medidas só será visível dentro de alguns dias. A atuação conjunta do Banco Central e da CVM, no entanto, confirma que as autoridades adotaram novo estilo de jogo, abandonando a atitude basicamente reativa dos últimos meses. Um pormenor importante é que as novas medidas, embora fortes, foram toma-

das sem violação das condições normais do mercado.

O câmbio e as bolsas, no entanto, ainda poderão ser afetados pela evolução do quadro internacional e, particularmente, pelos novos dados da economia brasileira. Do lado interno, as últimas novidades são animadoras. As condições do balanço de pagamentos vêm melhorando e o déficit em conta corrente, segundo as últimas indicações, deverá diminuir nos próximos meses e, quase certamente, em 2002. Diminuirão, portanto, as necessi-

Iniciativas do BC e da CVM indicam um estilo mais vigoroso de atuação

dades de financiamento externo. As contas públicas também evoluem de modo satisfatório, apesar das pressões do câmbio e dos juros. O superávit primário acumulado no ano, até agosto, chegou a 4,8% do PIB, 0,4 ponto porcentual acima do observado em igual período de 2002. Ao mesmo tempo, a inflação continua em ritmo bastante razoável. Não há sinal, portanto, de que o País tenha perdido o rumo da política econômica ou de que haja risco de perdê-lo. Se o mercado deseja notícias positivas, a safra destes dias deve ser satisfatória.